Documento II - Nota de Informação elaborada pelos serviços do P.P.E e texto do discurso proferido pelo Deputado (14-9-88)

TL 548

T I M O R

Lucas Pires foi o primeiro orador português no Plenário do Parlamento Europeu a opôr-se ao reenvio do relatório Van Der Heuvel sobre Timor, à Comissão Política. Na altura Lucas Pires disse que não era ao fim de treze anos de ocupação militar e violência repressiva por parte da Indonésia que poderíamos acreditar nos anúncios de boas intenções para o futuro. "Se há mais paz, hoje, em Timor é só porque há mais cemitérios" - acrescentou.

Ao contrário dos que defendiam os partidários do reenvio à Comissão Política, Lucas Pires alegou que "não havia qualquer modificação qualitativa de situação" e as "manobras dilatórias do "lobby" indonésio ao pedir mais tempo eram apenas mais uma manisfestação de força de quem sabe que tem o tempo por si". Continuando, Lucas Pires acrescentou : "já todos julgaram e condenaram esta agressão repugnante à vida e aos direitos humanos de um povo". - Também nós não podemos esperar mais tempo para o fazer".

Mais tarde, já durante o debate e depois de ultrapassado vitoriosamente o incidente formal sobre o reenvio em Comissão, Lucas Pires leu perante o Plenário, em nome do Partido Popular Europeu, o seguinte discurso :

Sr. Presidente,
Sres. Deputados,

O que queremos para Timor é muito pouco. Diria mesmo que é o mínimo exigido pela civilização e pela cultura que todos partilhamos com orgulho, e é até o que nos permite estar aqui, em comum, neste Parlamento.

Queremos :

a) o respeito dos Direitos do Homem e do Povo de Timor;

b) que seja o Povo de Timor a escolher o seu Governo.

Pedimos pouco, mas a verdade é que o infeliz Povo de Timor nunca teve nada. Realmente é dos poucos povos do Mundo que ainda não chegaram à liberdade. A descolonização passou por lá, mas não vingou. Seria até grave que o processo de descolonização encerrasse o seu capítulo na HISTORIA com uma vergonha como a de Timor. Seria bom que o Povo desta Terra ainda pudesse, ao menos uma vez na História, ser ele próprio a poder escolher o seu destino.

Alguns pensam que é a Indonésia que virá fazer feliz o Povo de Timor ? Mas, então, porque não deixam que sejam os próprios interessados a escolher o seu selvifico anjo da guarda ?

Diz-se que os portugueses é que são os responsáveis ! Os portugueses foram responsáveis até 1975, desde então somos apenas "responsáveis" por a Indonésia não permitir que exerçamos o mandato internacional como administradores do território ...

.../...

Diz-se que a Indonésia tem melhorado os hospitais, escolas e estradas, mas nós conhecemos o método que se chama "acção psico-social" do ponto de vista militar. Antes de um país para eles, os timorenses querem um país deles. Antes de serem intérpretes, querem ser autores da sua própria vida. Muito menos se contentariam com ser meros objectos do poder militar indonésio.

Diz-se que a Assembleia da República Portuguesa aceitou visitar Timor e isso implicaria o reconhecimento dos actos existentes. Não. A Assembleia da República pôs condições para essa visita e só a fará se ela poder contribuir para o progresso do processo de auto-determinação. Portugal tem, aliás, o direito de agir como potência administradora, em consonância com o mandato do Sec.-Geral das Nações Unidas.

Há, também, quem diga que a ocupação pela Indonésia não é discutível porque é já um acto histórico. Não, a História não se faz tão rapidamente, e um Parlamento não é um órgão notarial de registo para factos consumados. Por essa via teríamos de reconhecer todas as ditaduras do Mundo!

Nós, também, queremos a paz, mas a paz dos homens, não a das baionetas indonésias. Consideramos mesmo que se deverá aproveitar o ambiente internacional de concórdia para avançar neste sentido. Por isso daremos o nosso apoio a algumas propostas de alteração ao relatório Van Der Heuvel de carácter mais moderado e que não ponham em causa, os princípios de respeito pela vontade e autonomia dos primeiros interessados - os próprios timorenses.

Somos realistas, mas a primeira realidade para nós é a da dignidade da vida humana e da cultura e história de cada povo.

- : O : -